

# Suplemento de Arqueologia

## O Castro de S. Domingos (Cristelos - Lousada): algumas notas sobre a sua ocupação durante a Idade do Ferro e época Romana

Manuel Nunes\*, Luís Sousa\*\*, Carlos Gonçalves\*\*

Localizado na freguesia de Cristelos, no concelho de Lousada (N 41°16'37.9" / W 08°17'49.9"), num cabeço isolado que se eleva a uma altitude máxima de 314 m (Fig.1), o Castro de S. Domingos constitui o maior e melhor preservado povoado proto-histórico identificado ao longo da bacia do Mezio, território que actualmente se insere, quase na íntegra, no espaço concelhio. Apesar de uma intensa humanização da paisagem envolvente (florestação, rede viária e construção civil), o povoado de S. Domingos conserva, na sua área de implantação, importantes vestígios associados ao povoamento da Idade do Ferro correspondentes às denominadas Fase IIA e IIB (séc. VI a.C. a 2ª metade do séc. III a.C.) e Fase IIIA e IIIB (séc. II a.C. a 2ª metade do séc. I d.C.) da «cultura dos castros» (Silva, 1986:65-66) que, por volta do século II a.C. e até sensivelmente à 2ª metade do século I d.C., portanto já no quadro da romanização, atinge o seu período *optimum* (Martins, 1990:206).

A primeira referência documental ao castro de S. Domingos encontramos-la nas Inquirições de D. Afonso III de 1258 (PMH:547: Peixoto, 1913) onde se dá conta que «*Item quod habetur ibi unum crastum et fuit populatum: et dixit quod omnes qui morantur in ipsa villa partierunt illud inte se et*

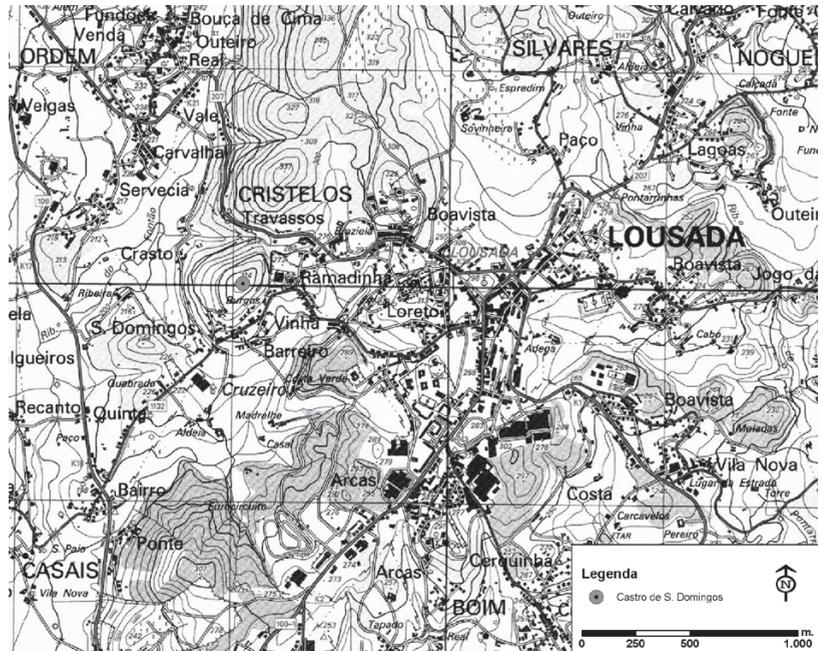


Figura 1. Implantação do Castro de S. Domingos (CMP: 1.25 000 - Folha 112)

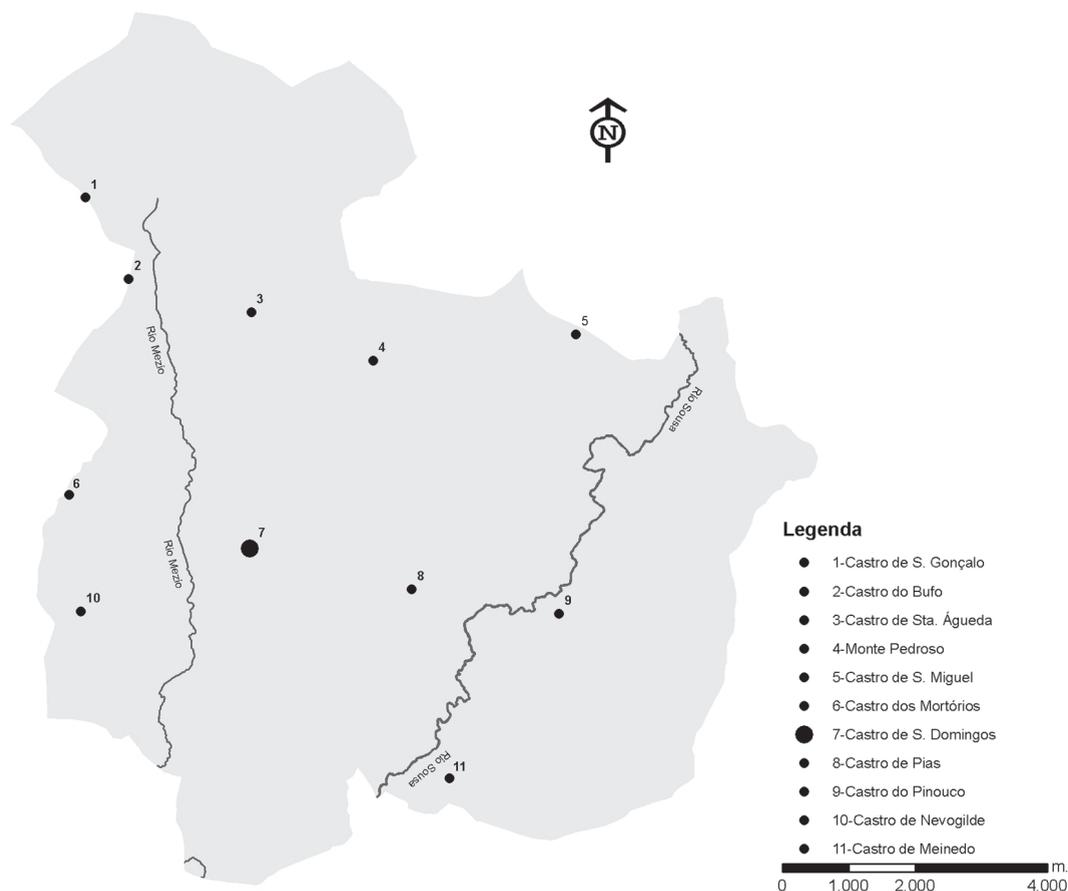
*laborant illud*». Ainda assim, é apenas no século XIX, em 1880 que Francisco Martins Sarmiento, em visita ao local, tece as primeiras considerações científicas sobre o povoado. Nessa visita, Martins Sarmiento descreve-o como tendo sido um povoado fortificado onde ainda eram visíveis várias linhas de muralhas. Refere ainda o achado de diversos fragmentos cerâmicos que considerou de cronologia romana (Cardozo, 1947:56; Sarmiento, 1999:138-139).

Ao longo do século XIX e século XX outros autores se debruçaram sobre este povoado e/ou o espólio nele recolhido<sup>1</sup>

\* Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

\*\* Assistente de Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal de Lousada.

<sup>1</sup> Vejam-se, a este propósito, as notas tecidas por D. Domingos de Pinho Brandão (1957) e Adília Alarcão (1958:274). Ao primeiro cabe a divulgação e recolha de materiais cerâmicos provenientes deste arqueossítio, enquanto ao segundo se deve o estudo de um fragmento cerâmico proveniente do povoado e depositado no Museu do Seminário Maior do Porto, designadamente um fragmento de *sigillata* de uma forma DRAG.37, de fabrico hispânico, decorada a molde com métopas de palmeta com uma cronologia provável em torno do início do século II d.C.



**Figura 2.** Localização do Castelo de S. Domingos face aos demais povoados da Idade do Ferro conhecidos no concelho de Lousada (Vale do Mezio e Vale do rio Sousa)

(Vieira, 1887:355; Peixoto, 1913; Alarcão, 1958:274; Lanhas, 1971:575; Silva, 1986:84; Dias, 1997:302), embora só entre 1992 e 1999 o mesmo tenha sido alvo de um estudo sistematizado, graças às sucessivas intervenções arqueológicas conduzidas pelo Arqueólogo José Marcelo Sanches Mendes Pinto. Este longo historial de investigação, associado à importância dos vestígios exumados e às ameaças de carácter antrópico que colocavam em causa a integridade do povoado, justificaram a elaboração de uma proposta de classificação do sítio, remetida ao IPPAR em 1999, situação que culminou com o estabelecimento de uma zona física de protecção ao monumento<sup>2</sup>.

Estamos, então, perante um povoado fortificado de médias dimensões, implantado num outeiro cónico isolado (Mendes-Pinto, 1995:273), com excelentes condições

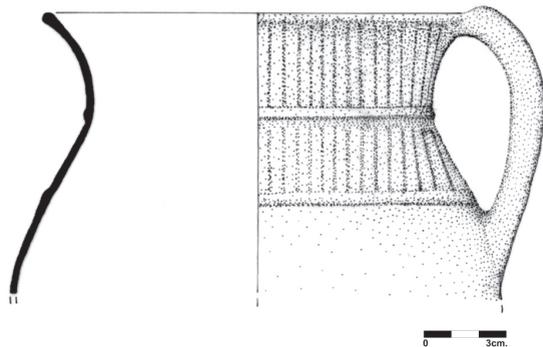
naturais de defesa, claramente perceptível na paisagem e em notória dominância e centralidade relativamente aos demais povoados implantados na bordadura montanhosa que ladeia o vale do Mezio, talvez dando corpo à proposta aventada por Ferreira da Silva (Silva, 1980:88), segundo a qual a distribuição destes povoados, longe de ser anárquica, poderia obedecer a uma certa hierarquização, cabendo com alguma certeza ao Castelo de S. Domingos, um certo grau de dominância, cuja real dimensão, no entanto, ainda não se afigura totalmente clara em termos culturais e arqueológicos (Fig.2).

O castro, que se desenvolve até à EM1132 e se encontra cercado a Oeste pelo ribeiro do Fontão, possui pelo menos três linhas de muralhas, correspondentes a cada uma das três grandes plataformas aí visíveis, separadas por fortes

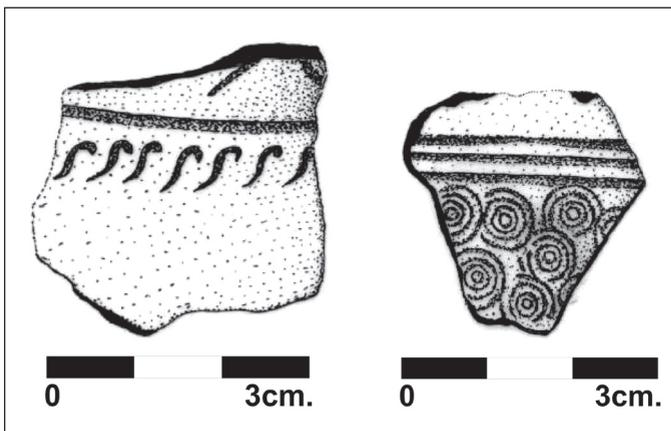
<sup>2</sup> Para além de «Zona *non aedificandi*» e «Zona de protecção», de acordo com o regulamento do Plano Director Municipal em vigor (Mendes-Pinto, 1992), o Castelo de S. Domingos apresenta o seguinte estatuto de classificação atribuído pelo IPPAR, entidade a quem compete, a classificação de imóveis de valor cultural: «Em Vias de Classificação» (com Despacho de Abertura).



**Figura 3.** Vista aérea do núcleo habitacional castrejo situado numa das plataformas superiores do monte de S. Domingos (séc.IV-III a.C.).

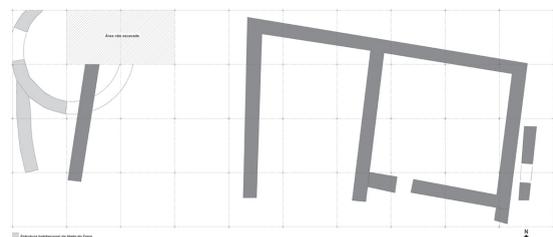


**Figura 4.** Vaso castrejo cerâmica cinzenta fina polida (Castro de S. Domingos).



**Figura 5 e 6.** Motivos decorativos de cerâmica de tradição indígena proveniente do Castro de S. Domingos.

declives, onde se terão localizado as estruturas habitacionais. As escavações levadas a cabo, permitiram colocar a descoberto, ao nível das plataformas superiores do monte, um núcleo de ocupação indígena, com casas de planta circular, lajeados e muros de divisão e contenção, dos séculos IV e III a.C. (Fig.3). No âmbito das sucessivas intervenções arqueológicas foi possível exumar significativos materiais ceramológicos de tradição indígena, embora com evidentes marcas da utilização de roda de oleiro, «de cores escuras entre o castanho e cinzento, de pasta arenosa, micáceas, alisadas e fabricadas a torno, sendo possível documentar

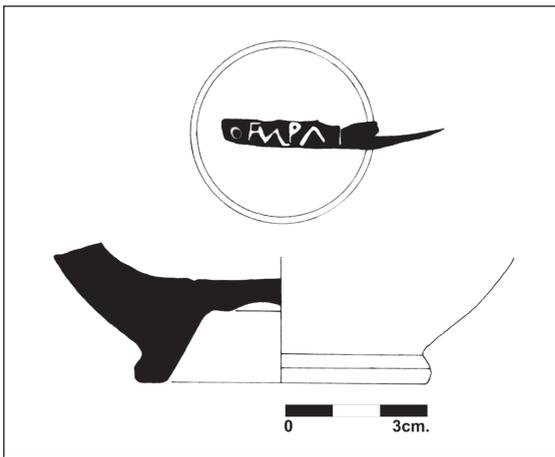


**Figura 7.** Planta esquemática da «Casa romana» localizada na base do Castro de S. Domingos.

a evolução dos fabricos resultantes da aculturação e adopção de pastas mais depuradas, com cozeduras mais oxidantes e coloração avermelhadas, beges, castanhas claras e rosadas. As formas, normalmente de perfis em “S”, com fundos lisos, correspondem fundamentalmente a recipientes de cozinha potes, panelas, vasos de armazenamento de líquidos e provisões, vasos de suspensão, alguns de asa interior e em orelha, assadeiras e alguidares» (Mendes-Pinto, 1997) (Fig.4). Relativamente às nomenclaturas decorativas, será de realçar a presença de elementos que apontam influências de cariz continental, associados à introdução de estampados (Silva, 1986:124), salientando-se, essencialmente, «combinações em SSS,

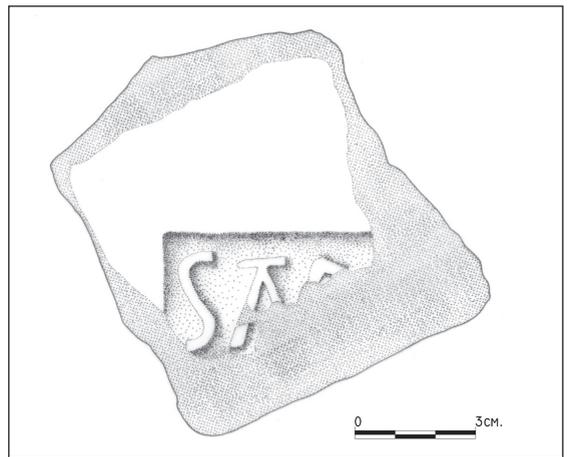
*círculos concêntricos, bandas de triângulos com ou sem besantes, muitas vezes preenchidos com incisões oblíquas*» (Mendes-Pinto, 1997) (Figs.5 e 6).

A conquista e conseqüente destruição do povoado, provavelmente no decurso das Guerras Cantábricas (26-19 a.C.), é apontada por Mendes-Pinto (1999), como o ponto de partida para uma «reorganização espacial, com reordenamento interno dos núcleos familiares que passam a ser compostos por unidades circulares e unidades sub-rectangulares ou quadrangulares cercadas por um muro e dando para um grande pátio lajeado (...). Talvez pelos finais da primeira metade do século I, ou inícios da sua segunda metade, vemos a coroa do monte ser paulatinamente abandonada em favor das plataformas da meia encosta, quando se começam a construir casas já tipicamente romanas». Ora, será no decurso deste processo de reordenamento defendido pelo autor, que se terá verificado a construção de um pólo habitacional romano (séc. I a III d.C.), implantado na encosta virada a sudeste, pólo esse entretanto alvo de uma intervenção de emergência que permitiu colocar a descoberto diversas dependências (Fig.7) e trazer à luz importante es-



**Figura 8.** Fundo de *sigillata* hispânica, possível forma Drag.27, com marca de oleiro: OFVAP - oficina de Valerius Paternus, de Tritium Magallum.

pólio cerâmico e numismático<sup>3</sup>, achados que Mendes-Pinto (1999) conota com «*uma economia vincadamente agrária*» e com a intensificação dos contactos com o resto do Império. De entre esse espólio destaca-se a presença de cerâmica de importação, nomeadamente ânforas vinárias Alterne 70 e Dressel 20 (século I-II d.C.), e ainda várias *sigillatas*, entre as quais um fragmento de



**Figura 9.** Fragmento de *tegulae* com marca de oficina (poss. Saturnus ou Saturninus) proveniente da «Casa romana».

fundo de *sigillata* hispânica, possível forma Drag.27, com marca de oleiro de ângulos curvos onde se pode ler OFVAPA, isto é, proveniente da oficina do oleiro Valerius Paternus, de Tritium Magallum (actual Tricio, Espanha) (Fig.8). Por fim, uma derradeira nota para um curioso fragmento de *tegulae* com marca de oficina (poss. Saturnus ou Saturninus) (Fig.9).

## Bibliografia

**Alarcão, A. M.** (1958) - Sigillata hispânica em museus do Norte de Portugal. In *Revista Guimarães*: 68 (3-4), p.249-315.

**Cardozo, M.** (1947) - *Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e Francisco Sarmento (Arqueologia e Epigrafia) 1879-1899*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento

**Dias, L.T.** (1997) - *Tongobriga*. Lisboa: IPPAR.

**Lanhas, F.** (1971) - Lousada: *Arqueologia*. In Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura. Editorial Verbo. Vol. 12. Lisboa, p.574-575.

**Peixoto, F.A.** (1913) - *Louzada, sua origem ou antiguidade*. Lousada: Jornal de Louzada. (18.5.1913).

**Martins, M.** (1990) - O Povoamento Proto-Histórico e a Romanização da bacia do Curso Médio do Cavado. *Cadernos de Arqueologia*. Monografias. Braga.

**Mendes-Pinto, J.M.S.** (1992) - *Património Arqueológica de Lousada*. Plano Director Municipal de Lousada. Lousada: Câmara Municipal. (Policopiado).

**Mendes-Pinto, J.M.S.** (1995) O Povoamento da bacia superior do Rio Sousa: da Proto-História à Romanização. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. In *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Vol. V. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p.265-283.

**Mendes-Pinto, J.M.S.** (1997) - *O Castro de S. Domingos* (Cristelos, Lousada) e o povoamento do vale do rio Mezio. In *Castrexos e*

*Romanos no Noroeste*. *Actas do Colóquio de homenaxe a Carlos Alberto Ferreira de Almeida*. Santiago de Compostela. (Policopiado).

**Mendes-Pinto, J.M.S.** (1999) - *O Castro de S. Domingos* (Cristelos, Lousada): Memória descritiva. Processo de Classificação do Castro de S. Domingos. Lousada: Gabinete de Arqueologia Municipal. (Policopiado).

**PMH** *Portugaliae Monumenta Historica. Inquisitiones*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa. 1888-1897.

**Sarmento, F.M.** (1999) - *Antiqua*. Aportamentos de Arqueologia (leitura e organização de António Amaro Neves). Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, p.138-139.

**Silva, A.C.F.** (1980) - Organizações Gentílicas entre Leça e Ave. *Portugália*. Nova Série. Vol. I. Porto, p.79-90.

**Silva, A.C.F.** (1986) - *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal.

**Veira, J.A** (1887) - *O Minho Pittoresco: Louzada*. II. Lisboa, p.353-376

## Cartografia

**(CMP) CARTA MILITAR DE PORTUGAL: Folha 112** [Material cartográfico] Serviços Cartográficos do Exército - Escala 1:25.000. Série M888 - Lisboa: S.C.E., 1998.

<sup>3</sup> No interior de um dos compartimentos da casa, sob o telhado derrubado (presumivelmente no decurso de um incêndio) foi detectado «*um pequeno conjunto de moedas de bronze (antoniniani), com cronologia de 260 a 273 d.C., abrangendo os reinados de Gallienus, Salonina, Claudius II, Aurelianus e Tetricus*» (Mendes-Pinto, 1997).